



Percepção de estudantes e merendeiras do Programa Nacional de Alimentação Escolar sobre o comer na escola: um estudo no Território do Sisal, Bahia.

Franciele Nascimento dos Santos^{1*} e Everton Nery Carneiro²

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é um dos programas mais consistentes no que se refere à alimentação e nutrição e tem se configurado como uma importante estratégia de segurança alimentar e nutricional para milhões de estudantes brasileiros. Nesse sentido, para além de atender as necessidades biológicas dos beneficiários, a alimentação escolar também assume uma função sociocultural. Portanto, o estudo tem como objetivo compreender a percepção dos estudantes e merendeiras do Território do Sisal, Bahia, sobre o comer na escola a partir do PNAE. Para o desenvolvimento do estudo foi utilizada a pesquisa aplicada, descritiva, do tipo participante, com abordagem qualitativa, a partir do método fenomenológico. Foram entrevistados 11 estudantes e 7 merendeiras e os dados foram analisados através do percurso gerativo de sentido da perspectiva semiótica. A partir da análise foi possível observar que tanto as merendeiras como os estudantes percebem a alimentação escolar principalmente no seu sentido biológico de satisfazer a fome, mas também compreendem os sentidos simbólicos da alimentação, sobretudo quando relacionam as preferências alimentares aos hábitos regionais.

Palavras-chave: Percepção, PNAE, Comer, Escola.

Perception of students and cooks from the National School Feeding Program about eating at school: a study in the Territory of Sisal, Bahia.

The National School Feeding Program (PNAE) is one of the most consistent programs in terms of food and nutrition and has become an important food and nutrition security strategy for millions of Brazilian students. In this sense, in addition to meeting the biological needs of the beneficiaries, school meals also have a sociocultural function. Therefore, the study aims to understand the perception of students and cooks in the Bahian territory of sisal about eating at school from the PNAE. For the development of the study, applied, descriptive, participant research was used, with a qualitative approach, based on the phenomenological method. 11 students and 7 cooks were interviewed and the data were analyzed through the generative path of meaning from the semiotic perspective. From the analysis, it was possible to observe that both the cooks and the students perceive school meals mainly in

¹ *Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Endereço para correspondência: *E-mail:* nutricao.franciele@gmail.com. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5908-3897>.

² Pós-doutorado, docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). *E-mail:* ecarneiro@uneb.br. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4240-1246>.

its biological sense of satisfying hunger, but also understand the symbolic meanings of food, especially when they relate food preferences to regional habits.

Keywords: Perception, PNAE, Eat, School.

Submetido em: 08/08/22

Aceito em: 27/12/22

INTRODUÇÃO

O ato de comer traduz sinais de reconhecimentos formais, traduz lugares, culturas e pessoas por meio das cores, das texturas, da temperatura e da estética. A comida torna-se símbolo de pertencimento, sobretudo quando as expressões corporais denotam uma percepção específica sobre o que se come^[1].

Ressalta-se que o corpo é fonte de conhecimento, pois se articula com a mente para produzir significado e sentido ao mundo^[2]. Logo, compreende-se que o corpo é consciente e se expressa através dos órgãos dos sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato); há, assim, uma simbiose entre o corpo e a mente. O paladar, por exemplo, captura o lugar de pertencimento e expressa a cultura de um local.

Nessa perspectiva, considera-se o comer um ato complexo e profundo que é determinado por questões biológicas e simbólicas^[3]. Estas questões simbólicas expressam as dimensões sociais e culturais da alimentação que atuam simultaneamente no momento das escolhas alimentares.

Assim, as preferências e escolhas alimentares surgem através da percepção que o ser humano tem do lugar e das pessoas com quem convive. Da mesma forma, “a definição do gosto faz parte do patrimônio cultural das sociedades humanas”^[4 p. 95].

O ambiente escolar, portanto, apresenta-se como um potente espaço para o desenvolvimento da cultura alimentar da região, visto que a escola é o lugar onde a educação deve acontecer de maneira coletiva, fornecendo subsídios para que os estudantes sejam protagonistas das suas próprias histórias com base em suas vivências^[5]. Entretanto,

essa educação libertadora só se estabelece no processo em que educador e educando aprendem uns com os outros.

Nesse sentido, os atores do PNAE podem ser agentes de mudanças, pois estão envolvidos nessa política pública. Estes, são definidos como pessoas envolvidas e engajadas nesse programa social^[6], principalmente quando estão diretamente envolvidos no processo de elaboração de cardápios, bem como na produção e consumo dos alimentos na escola.

Sendo assim, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) também fornece ferramentas para auxiliar no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos educandos, porque, de acordo com a resolução nº 06 de 08 de Maio de 2020, o PNAE tem como objetivos o crescimento e desenvolvimento biopsicossocial dos estudantes, bem como a formação de hábitos alimentares saudáveis a partir da oferta das refeições e do desenvolvimento de ações de educação alimentar e nutricional, respeitando os hábitos e culturas locais^[7].

Nesse contexto, entende-se que para a compreensão da cultura alimentar regional é necessário o conhecimento acerca do território no qual as unidades escolares estão situadas. No caso do Território do Sisal, Bahia, está localizado geograficamente na região do semiárido baiano e engloba 20 municípios, com um total de 50 escolas estaduais. Sendo assim, o sistema alimentar da região está pautado na produção agrícola de alimentos como a farinha, o milho e o feijão, prioritariamente, sendo a agricultura a base econômica da região, com a importante participação das mulheres na produção agrícola e na fabricação de derivados da agricultura familiar^[8].

Diante disso, foi elaborada a questão que deu origem a esta pesquisa: de que forma os estudantes e as merendeiras do Território do Sisal, Bahia, percebem o ato de comer na escola a partir do Programa Nacional de Alimentação Escolar?

Partindo deste questionamento, o estudo tem como objetivo compreender a percepção dos estudantes e merendeiras do Território do Sisal, Bahia sobre o comer na escola a partir do PNAE. Para atingir este objetivo, o estudo busca analisar os conceitos de percepção, alimentação e escola; analisar as entrevistas de estudantes e merendeiras a partir do nível discursivo do percurso gerativo de sentido na semiótica; e discutir os resultados das entrevistas conforme teóricos que discorrem sobre os temas^[1,2,3,4,9,10].

Vale destacar que as inquietações que deram origem à pergunta inicial para o desenvolvimento deste estudo partiram da atuação profissional da pesquisadora, como nutricionista do quadro técnico do PNAE na Secretária da Educação do Estado da Bahia, mais especificamente no Território do Sisal (NTE 04). Nesse contexto, ao elaborar os cardápios para as unidades escolares, esta, sempre presenciou a necessidade de compreender a visão de outros atores do PNAE, sobretudo de quem produz (merendeiras) e quem consome a alimentação (estudantes).

Entretanto, as pesquisas científicas são realizadas majoritariamente com um único ator social do programa, o que impossibilita que seja observada uma visão mais ampla sobre o comer no ambiente escolar. Desse modo, a relevância científica deste estudo está pautada na escassez de pesquisas realizadas neste campo, bem como a carência de diálogos entre a saúde e as ciências sociais, principalmente no que se refere às práticas alimentares no ambiente escolar a partir da antropologia da nutrição^[11].

Ademais, a alimentação escolar apresenta uma relação direta com a qualidade de vida do aluno e com seu rendimento escolar, além de promover os encontros sociais entre os estudantes^[12]. Sendo assim, tanto a execução da alimentação escolar como as práticas alimentares dos estudantes alertam para mudanças no paradigma do pensar e fazer alimentação na escola^[13].

Assim, para além de contribuir com o desenvolvimento dos estudantes, esta pesquisa pode servir como ferramenta tanto do planejamento de outras políticas públicas como para o fortalecimento da cultura alimentar local e avanço do próprio PNAE.

Para tanto, foram escritas duas seções, seguidas das considerações finais. A primeira seção aborda os procedimentos metodológicos e a segunda seção apresenta os resultados e discussões desenvolvidas com base nas entrevistas, traçando um diálogo sobre estes resultados com estudiosos dos temas.

METODOLOGIA

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos esse estudo é caracterizado com uma pesquisa aplicada, porquanto tem interesse na aplicação e utilização dos conhecimentos na prática como característica fundamental^[14]. Já em relação ao objetivo da pesquisa, este estudo é caracterizado como descritivo, visto que discorre acerca do fenômeno da alimentação escolar em determinados grupos. Ademais, esse tipo de pesquisa tem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças, bem como descreve características de determinada população, grupo ou fenômeno^[14].

Sobre a abordagem, esta é uma pesquisa qualitativa, pois busca analisar a percepção, ou seja, característica subjetiva. Dessa forma, o método qualitativo é caracterizado por analisar o nível subjetivo e relacional das relações sociais^[15].

Quanto ao tipo, foi utilizada a pesquisa participante. Destaca-se que esse tipo de pesquisa combina a investigação social, trabalho educacional e ação com a atuação direta dos participantes, como foi a atuação de estudantes e merendeiras durante todo o processo da pesquisa^[16]. Já no que concerne ao método de pesquisa, foi adotado o método fenomenológico, isto é, trata-se de uma descrição da estrutura específica do fenômeno^[17].

No que diz respeito à amostra deste estudo, esta foi composta por 07 merendeiras (a escolha desses profissionais se justifica pelo papel que desempenham no preparo dos alimentos) e 11 alunos

líderes de classes do ensino médio, pois os líderes têm o poder de representação da turma concedido através de eleição, totalizando, assim, 18 participantes.

Em relação ao local do estudo, o mesmo aconteceu em duas escolas no Território do Sisal, uma situada na zona urbana do município de Conceição do Coité e outra na zona rural da cidade de Serrinha. A seleção dessas escolas está pautada nas informações de que o Núcleo Territorial de Educação do Sisal (NTE 04) é responsável por 50 escolas jurisdicionadas, sendo essas escolas localizadas em 20 municípios que compõem o território. Dentre esses municípios, a cidade de Conceição do Coité apresenta o maior número de Unidades Escolares (10 escolas) seguida pelo município de Serrinha (07 escolas), conseqüentemente apresentam o maior número de estudantes.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados questionários semiestruturados – para cada grupo de participantes houve um questionário específico. Os participantes foram convocados para a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento do Menor. Vale mencionar que os questionários podem ser utilizados como técnica de investigação para obter informações acerca de crenças, valores, sentimentos, comportamentos e conhecimentos¹⁴.

Para o estudo das entrevistas, estas foram transcritas e os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios. Tais nomes foram dados tendo como base os nomes mais comuns de acordo com o Portal Transparência de Registro Civil da Bahia³ dos últimos anos.

Para a análise dos dados foi adotada a perspectiva semiótica, que estuda os significados das linguagens e os sentidos dos textos¹⁸. A semiótica tem base em outras ciências, como a fenomenologia, a linguística e a antropologia, e configura-se como uma teoria da significação, ao dar ênfase à construção de sentidos e o significado das linguagens em

diferentes textos¹⁸. A grande contribuição da semiótica discursiva refere-se a uma metodologia direcionada para a leitura e análise de textos em que é possível analisá-los a partir de níveis, sendo esse conjunto de níveis chamado Percurso Gerativo de Sentido (PGS)¹⁹.

Essa perspectiva delimita três níveis de análise do texto, o fundamental, o narrativo, e o discursivo, que é considerado o mais complexo, em que se busca compreender as estratégias de argumentação e persuasão associadas ao plano enunciativo²⁰. Nessa direção, foi utilizado o nível discursivo para análise das entrevistas, uma vez que o discurso por si só é o local de manifestação dos valores que irão auxiliar na busca da percepção sobre a qual este estudo se debruça²⁰.

Ademais, para a compreensão do objeto de estudo foram definidos como referenciais teóricos as obras *Comida como Cultura* do historiador Massimo Montanari⁴, *Fenomenologia da Percepção* do filósofo Maurice Merleau-Ponty² e *Teoria Semiótica do Texto* de Diana Luz Pessoa de Barros²⁰.

No livro *Comida como Cultura*, Massimo Montanari refere-se à comida como expressão cultural, que irá resultar na identidade, ao longo da história. Montanari é professor de história medieval e um importante estudioso sobre alimentação.

Já na obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty discorre sobre percepção a partir de uma visão preeminente do corpo. Merleau-Ponty era filósofo estudioso da fenomenologia partindo da percepção.

Para a compreensão dos discursos, por sua vez, utilizou-se como referencial o livro *Teoria Semiótica do Texto*. Na obra, Barros apresenta fundamentos da teoria semiótica, de forma sucinta, por meio de exemplificações. Barros é professora da Universidade de São Paulo e tem como objeto de estudo a teoria semiótica.

Ressalta-se que este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do

³ Portal Transparência de Registro Civil. Disponível em <<https://cartorionabahia.com.br/noticias/nomes-populares-na-bahia/>>. Acesso em: 08 jun. 2022.

Estado da Bahia (CEP – UNEB) sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 52244921.3.0000.0057 o e aprovado com o parecer número 5.129.072.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percepção, alimentação e escola: conceitos básicos

No que tange ao conceito de percepção, destaca-se que está associado à forma como o ser humano percebe e sente o mundo^[2]. Desse modo, entende-se que a percepção não se resume a um conjunto de expressões, pois as sensações também estão envolvidas nesse conceito^[2].

Assim, o corpo humano é consciente e esta consciência é apresentada através dos órgãos de sentido (visão, audição, olfato, tato e paladar)^[2]. Logo, o corpo passa a ser uma fonte de conhecimento ao articular-se com a mente para produzir os significados e os sentidos do mundo. Corpo e mente, em processo simbiótico, promovem uma visão de mundo que é a percepção.

Nesse sentido, a percepção produz uma linguagem que é formulada historicamente a partir das vivências do sujeito. No que se refere à alimentação, por exemplo, a percepção é estimulada, principalmente, através do paladar, sendo este construído a partir das vivências e das heranças genéticas do sujeito e expresso como manifestações culturais e sentimento de pertencimento a um grupo ou local específico. Através do paladar é possível identificar um lugar, ou seja, é uma forma de capturar o mundo^[1].

A alimentação, entretanto, está associada ao ato de alimentar-se. É realização do ato voluntário de fornecer alimentos ao organismo. Porém, além de nutrir o organismo, a alimentação também tem o papel fundamental na formação e desenvolvimento de grupos humanos, a partir da expressão cultural das sociedades^[4]. Nesse contexto, é fundamental a compreensão do que se entende por Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). De acordo com a Lei 11.346 de 2006:

É a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis^[21].

Dessa forma, a alimentação é determinada como direito humano que precisa ser assegurado e respeitado não apenas visando qualidade e quantidade de alimentos, mas, também, respeitando a diversidade social, cultural e econômica. Além disso, é importante destacar que:

a linguagem alimentar representa identidades, posições sociais, gêneros, significados religiosos e, por isso, ela é ostentatória e cenográfica. Porque somos onívoros, podemos escolher, e essas escolhas que marcam fronteiras e indicam pertencimentos são feitas de forma exibicionista, já que, quase sempre, as refeições são públicas^[4].

Diante disso, a alimentação ocupa uma função social estabelecida, principalmente quando se refere à alimentação de grupos que dividem um mesmo espaço ou que pertencem a um mesmo território, como é o caso da alimentação escolar.

A escola por si só já se apresenta como um ambiente de desenvolvimento de habilidades, competências e hábitos. É, pois, no ambiente escolar que os estudantes atuam como agentes socializadores, já que é neste ambiente que diferentes grupos convivem com o intuito não apenas de compartilhar conhecimentos, mas, também, experiências de vida^[22]. De acordo com a poesia A escola, de Paulo Freire:

Escola é... o lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um

se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de filha cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se ‘amarrar nela’! Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.⁴

Portanto, a escola é compreendida como ambiente de acolhimento, de vivências e de desenvolvimento de relações sociais. Destarte, a percepção da alimentação escolar está relacionada a estas visões de mundo que os estudantes trazem em suas trajetórias de vida e que compartilham no momento de comer na escola.

Apresentação dos discursos das entrevistadas

Os quadros apresentados a seguir indicam a análise textual das entrevistas, por meio da análise do Percurso Gerativo de Sentido no nível discursivo da semiótica.

O Nível Discursivo é o patamar mais superficial, concreto e complexo do percurso

gerativo de sentido. Para se produzir um discurso, é necessária a enunciação, que deixa marcas no discurso que constrói, uma vez que, mesmo que os elementos de enunciação não apareçam no enunciado, ela existe, já que nenhuma frase se enuncia sozinha. Ao estudar as marcas de enunciação no enunciado, a Sintaxe Discursiva destaca as relações de discursivização, que são a actorialização, a espacialização e a temporalização (constituição de pessoas, espaço e tempo do discurso). Além disso, a enunciação pressupõe um enunciador (quem fala) e um enunciatário (a quem se fala). A Semântica Discursiva, por sua vez, evidencia-se aqui a tematização e a figurativização. Os temas são categorias que organizam e ordenam os elementos do mundo natural, enquanto as figuras são qualquer conteúdo de um sistema de representação que tem correspondência ao mundo real. A tematização é organizada por meio da recorrência de traços semânticos que se repetem ao longo do discurso, enquanto a figurativização identifica figuras que recobrem tais temas de aspectos sensoriais e palpáveis^[23].

Sendo assim, no que diz respeito à análise da sintaxe do nível discursivo, tem-se que a temporalização se constitui no presente, as espacializações são as unidades escolares estudadas e a actorialização é caracterizada por merendeiras e estudantes, considerando todas as entrevistas realizadas, conforme ilustra o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Análise da sintaxe no nível discursivo

Temporalização	Presente
Espacialização	Escola
Actorialização	1ª pessoa, estudantes e merendeiras

Fonte: Adaptada de Bellomo-Souza *et al.*^[23]

Já no que se refere à análise semântica das entrevistas, estas foram separadas por actorialização

(merendeiras e estudantes, respectivamente) e por perguntas realizadas nas entrevistas (Quadro 2).

⁴ A Escola. Disponível em <http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/07082015poemaescola.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Quadro 2. Análise da semântica da entrevista com merendeiras no nível discursivo

1- O que é alimentação escolar para você?	
Figurativização	Tematização
“Tem gente que só se alimenta na escola”	Necessidade fisiológica
“Sustento para a comunidade”	
“Alimento para crianças que saem de casa sem comer”	
“Lanche que incentiva os alunos a virem para o colégio”	
“Muitos aqui vêm mesmo só por causa do lanche”	
“Merenda que vai alimentar os alunos”	
“Eles gostam e ficam satisfeitos”	Sentimento
“Ficam felizes quando comem”	
“Comida que fazemos como muito carinho para os alunos”	
“São alimentos saudáveis”	Saúde
2- O que você mais gosta de preparar na escola?	
Figurativização	Tematização
“Feijão tropeiro”	Comidas semelhante a almoço ou jantar
“Sopa”	
“Macarrão com frango”	
“Estrogonofe com arroz”	
“Sanduiche”	
“Cuscuz”	Lanche
	Comida regional
3- O que você menos gosta de preparar na escola?	
Figurativização	Tematização
“Café com biscoito”	Comida com baixo valor energético
“Suco com biscoito”	
“Salsicha”	Alimentos industrializados
“Arroz doce”	Comida regional ⁵
“Carne cozida com verduras”	
“Mingau”	
4- O que é comida para você?	
Figurativização	Tematização
“Comida é tudo”	Sobrevivência
“Comida é vida”	
“Comida é alimento para encher a barriga”	
“Comida é sustentação para o corpo”	
“Comida é um meio de sustento”	
“Comida é alegria”	Sentimento
“Comida é um incentivo para que eles se desenvolvam”	Desenvolvimento
5- Qual é sua maior dificuldade trabalhando na alimentação escolar?	
Figurativização	Tematização
“Falta de ingredientes”	Planejamento
“Tomar decisão quando não tem todos os ingredientes”	
“Não sei fazer alguma preparação”	Técnica
“Tratar os frangos”	
“O horário é pouco para estar com o alimento pronto”	

Fonte: Adaptada de Bellomo-Souza *et al.*^[23]

⁵ De acordo com a obra Alimentos Regionais Brasileiros, regionalidade é um conceito que extrapola o espaço geográfico e revela o lócus entre teias de relações sociais, econômicas e culturais. Portanto, as fronteiras regionais não são rígidas. Nesse sentido, comida regional refere-se a preparações habitualmente consumidas na região, tendo como base ingredientes produzidos localmente, a exemplo das frutas e verduras. ^[24]

Pode-se observar que a alimentação escolar é percebida pelas merendeiras não apenas como alimentos que atendem a necessidade fisiológica dos estudantes, mas também como sentimento e saúde. Ou seja, a percepção dessas mulheres destaca que a alimentação escolar não é apenas observada em sua dimensão biológica, mas também em sua dimensão simbólica.

Em relação às preparações que elas relataram gostar mais de fazer estão as comidas semelhantes ao almoço ou jantar, mas não descartam o lanche e a comida regional, visto que, no que se refere às preparações regionais, a mais mencionada foi o cuscuz. As merendeiras justificam a preferência por estas preparações porque, além dos alunos gostarem, elas também se identificam com o sabor, e classificam essas preparações como alimentos saudáveis e que satisfazem a fome, como pode ser observado na seguinte fala:

Tem a questão dos lanches salgados que eles pedem muito, são trabalhosos, muito trabalho, porém é bom de fazer porque eu sinto que eles gostam e enchem a barriga (LAURA, 2022).

O contrário pôde ser observado quando foi perguntado sobre as preparações que menos gostavam de fazer, que se destacam as comidas com baixo valor energético, pois não “enchem a barriga”; os alimentos industrializados, porque “não são saudáveis”; e alguns alimentos regionais, porque, apesar de ser hábito do local, os alunos não apresentam boa aceitação.

Quando as merendeiras foram questionadas sobre o que era comida, as respostas foram direcionadas à sobrevivência, ao sentimento e ao desenvolvimento. Mais uma vez, demonstrando não só a perspectiva biológica da alimentação.

A respeito das dificuldades apresentadas no trabalho com alimentação escolar, duas relataram não apresentar nenhuma dificuldade, porém as demais destacaram dificuldades relacionadas ao planejamento, principalmente de compras dos gêneros alimentícios, e as questões técnicas relacionadas diretamente ao preparo dos alimentos.

Em relação às entrevistas realizadas com alunos, organizou-se o Quadro 3, seguinte:

Quadro 3. Análise da semântica da entrevista com estudantes no nível discursivo

1- O que é alimentação escolar para você?	
Figurativização	Tematização
“É uma refeição importante”	Necessidade fisiológica
“É importante principalmente porque muitas pessoas vão à escola só pela alimentação”	
“Importante principalmente para quem não tem o que comer em casa”	
“Alimento para encher a barriga”	
“Alimentação que vai suprir a gente”	
“Saúde para os alunos”	Saúde
“Alimentação que seja saudável e equilibrada”	
“Uma alimentação que faça bem”	
“Não pode ser coisas que façam mal à saúde”	Sentimento
“Cuidado com os alunos”	
“É um incentivo para os alunos virem à escola”	Estímulo à educação
“É cultura, diversão, memória, educação e saúde”	Cultura
2- O que você mais gosta de comer na alimentação escolar?	
Figurativização	Tematização
“Arroz com frango”	Comida semelhante ao almoço ou jantar
“Feijão tropeiro”	
“Macarrão com sardinha”	Comida regional
“Cuscuz”	
“Pão com ovo”	
3- O que você menos gosta de comer na alimentação escolar?	
Figurativização	Tematização
“Biscoito”	Comida com baixo valor energético
“Suco com bolacha”	
“Carne de soja”	Industrializados
“Sopa”	Comida regional
“Arroz doce”	
4- O que você come na escola é diferente do que você come em casa? E na rua?	
Figurativização	Tematização
“O que eu como em casa é parecido com o que como na escola”	Comida de casa
“O que como na escola chega perto do que como em casa”	
“Na escola é parecido com o que como à noite em casa”	
“Na escola é bem semelhante ao que como em casa”	
“Às vezes. Em casa como mais frutas e biscoito recheado”	
“Algumas vezes a comida da escola é parecido. Arroz doce e mugunzá, não”	Comida da rua
“Na rua como enroladinho, coxinha...”	
“Na rua eu prefiro massas”	
“Na rua prefiro salgados”	
“Na rua é diferente, como bastante fritura”	
“Na rua é diferente, geralmente como fast food”	
5- O que é comida para você?	
Figurativização	Tematização
“Comida é uma parte importante da vida”	Sobrevivência
“Comida é tudo”	
“Sem comida a gente não vive”	
“Necessitamos totalmente do alimento”	
“O alimento que vai nos reestruturar”	
“Encher a barriga”	Sentimento
“Satisfazer a fome”	
“Uma coisa boa, uma coisa legal”	
“Comida é muito bom”	
“É um negócio bom, é alegria”	
“Comida é sentir prazer quando come alguma coisa que gosta”	
“Comida é prazer”	

Fonte: Adaptada de Bellomo-Souza *et al.*^[23]

Com base nas entrevistas com os estudantes foi possível observar que, além de perceberem a alimentação escolar como alimentos que suprem a necessidade biológica, também apresentam uma percepção simbólica relacionada à cultura, à educação e aos sentimentos. Portanto, apresenta dimensão biológica, social e cultural. Esses fatores interferem diretamente nas preferências alimentares abordadas na segunda pergunta da entrevista.

Sobre as preparações que eles relataram gostar mais, a comida mais mencionada foi a comida regional (cuscuz), porém outros alimentos caracterizados como comidas semelhantes ao almoço ou jantar também estiveram presentes. A justificativa para a preferência por estes alimentos está pautada na cultura, uma vez que informam gostar do sabor por ser costume da região, além de satisfazer a fome, como foi observado nas seguintes falas:

Além de ser um prato tipicamente nordestino, é bom e a maioria das pessoas gostam (MIGUEL, 2022).

Cuscuz é uma coisa que a gente costuma comer muito aqui na região, sem dúvidas é o melhor (VALENTINA, 2022).

Quanto aos alimentos que os estudantes relataram gostar menos, estão os alimentos com baixo valor energético e alguns alimentos regionais e a justificativa também está em torno dos costumes que já trazem de casa, bem como a percepção de não satisfazerem a fome. Como descrito a seguir:

Suco com bolacha não me faz encher a barriga. Não sustenta (BEATRIZ, 2022).

Soja, não tenho costume de comer (ARTHUR, 2022).

Nesse sentido, os estudantes foram questionados sobre a alimentação em casa e na rua. A comida da escola revelou-se semelhante à comida de casa, no entanto a comida da rua apresentou

diferenças, principalmente relativas à composição dos alimentos, na rua preferem salgados e *fast food*⁶.

Em relação à percepção que os alunos têm da comida, no geral, está associada à sobrevivência e aos sentimentos, envolvendo, dessa forma, as necessidades fisiológicas e emocionais do ser humano.

Um diálogo entre o resultado encontrado e as produções científicas

Diante dos discursos presentes nas entrevistas é possível perceber que a alimentação escolar, na percepção dos estudantes e merendeiras, está intimamente associada à necessidade fisiológica, para satisfazer a fome como também para manutenção da saúde. Entretanto, não está desassociada das questões simbólicas, principalmente quando se referem aos sentimentos e a cultura. Com efeito, a alimentação escolar também se encontra ligada à carga simbólica da comida^[4]. Esta carga simbólica, é ainda mais perceptível quando a comida é percebida como instrumento de sobrevivência diária^[4].

Nesse contexto, com o aumento desenfreado da insegurança alimentar no Brasil no ano de 2022, o número de pessoas passando fome aumentou em 14 milhões em pouco mais de um ano^[25] e a alimentação escolar tem sido ainda mais utilizada como estratégia para assegurar o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). Destarte, o número de alunos que tem como única refeição diária a alimentação escolar também é expressivo. Sendo assim, esta alimentação ocupa um espaço importante na rotina diária dos estudantes na escola, assumindo tanto sua dimensão biológica quanto simbólica.

Essa percepção também é demonstrada quando observada a preferência alimentar dos estudantes. Pois, estes preferem preparações que se assemelham ao almoço e/ou jantar. Ressalta-se que estas escolhas alimentares são construídas por um sistema normativo imposto aos seres humanos^[26]; e, por sua vez, são moldadas por fatores biológicos e

⁶ Refere-se à “comida rápida” em inglês. É um termo utilizado para definir estabelecimentos que servem refeições preparadas em um pequeno intervalo de tempo, conforme salienta Freitas *et al.* (2013).^[9]

socioculturais^[3]. Nesse sentido, a preferência por preparações tipicamente servidas no almoço e/ou jantar, ainda que no horário do lanche, pode estar interligada à necessidade biológica de satisfazer a fome, bem como à cultura local de comer esses alimentos em qualquer momento do dia. Diferentemente do que fora observado em estudo^[9], no qual as preparações típicas do almoço não eram bem aceitas pelos estudantes participantes da pesquisa. Ou seja, a cultura local apresenta grande influência sobre tais escolhas alimentares.

Ao considerarem as preparações “comida para encher a barriga”, se referem à saciedade^[1]. Entretanto, quando se trata de “comidas de sustança”, estas são conhecidas como “comidas fortes” preparadas com o esforço do trabalho braçal, exigindo muito esforço físico. Porém, de acordo com as merendeiras, dão prazer ao serem preparadas, pois os estudantes comem com vontade e na Bahia, a comida é de sustança. É a terra onde o melhor elogio é repetir^[1].

Sendo as preferências resultado de experiências da cultura que é transmitida para os seres humanos desde o nascimento^[4], estas, são criadas e recriadas a partir das vivências de cada um. Por esse motivo, o cuscuz e o pão com ovo são destaques nas preferências dos estudantes, porquanto estão culturalmente arraigados nos hábitos e costumes da região, tanto no ambiente de casa, quanto na rua.

Portanto, em relação às expressões casa e rua, considera-se o seguinte:

Embora existam muitos brasileiros que falam uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal – o esperado e o legitimado – é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. O comportamento esperado não é uma conduta única nos três espaços, mas diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação. Nessa perspectiva, as diferenciações que se podem encontrar

são complementares, jamais exclusivas ou paralelas^[10 p. 33].

Com efeito, quando questionados sobre alimentação de casa e da rua, os estudantes dialogam sobre a diferença de comportamento alimentar nos dois ambientes. Assim, a comida da rua é mais atraente, no entanto a comida de casa é mais segura^[10]. Portanto, casa e rua são complementares, juntas denotam a ideia de equilíbrio.

Algumas categorias sociais podem ocupar locais da rua como se ali residissem, como se “estivessem em casa”^[10], como pode ser observado nos discursos dos estudantes que assemelham a comida da escola à comida de casa e a diferem da comida da rua. Nesse sentido, a escola se estabelece como casa. Desse modo, há espaços na rua que podem ser a extensão da casa^[10]. São ambientes fechados ou apropriados por um determinado grupo de pessoas ou categoria social, tornando-se, assim, suas “casas”, como é o caso das escolas.

Dessa maneira, a escola deve ser um lugar de convivência, onde se trabalha, ensina e aprende, sendo, pois, um espaço privilegiado para pensar^[5]. Na escola, coexistem saberes, tempos e espaços diferenciados, assim como na sociedade brasileira. Sociedade feita e refeita a partir de um sistema complexo de relações sociais^[10]. Essa convivência das relações sociais cria vínculos que podem ser observados inclusive no ato de comer; na relação entre merendeiras e estudantes; e entre os próprios estudantes. A comida torna-se elo.

Nesse sentido, o intervalo no turno escolar, passa a ser tempo de comunhão, e o “comer junto é típico da espécie humana”^[4 p. 157]. A comida, então, define-se como uma realidade cultural que envolve não apenas as substâncias nutricionais, mas os sabores e valores que giram em torno delas. O modo de se alimentar é resultado do pertencimento social a determinado grupo ou comunidade, logo, a alimentação escolar apresenta também um forte valor comunicativo e exprime a identidade social dos estudantes.

Dessa forma, “a comida exige todos os sentidos e sentimentos para ser, verdadeiramente, integrada ao corpo e à memória, ganhando assim,

valor simbólico. Certamente, na boca começa a emoção”^[1 p. 107]. Ademais, o corpo é consciente, logo, além de ser um ato biológico, comer também expressa vínculos, cores, texturas, sabores e lugares, e na escola, sob a percepção de estudantes e merendeiras, não é diferente^[2].

CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

Diante da tessitura dos resultados encontrados, bem como da discussão, pode-se compreender que a percepção é um fenômeno individual que surge das vivências e experiências do sujeito, é a forma como este percebe e sente o mundo. Nesse contexto, a alimentação humana perpassa por vários fatores que interferem nessa percepção, sobretudo quando se refere ao paladar e as escolhas alimentares.

Considerando os estudantes e merendeiras atores ativos do PNAE, envolvidos na preparação e consumo da alimentação escolar, é fundamental que estes tenham voz ativa para expressarem suas percepções sobre o comer na escola, uma vez que esta percepção é essencial para a elaboração de cardápios da Unidade Escolar.

Na pesquisa ficou evidente o quanto a alimentação representa uma necessidade biológica para estes atores, apesar de também apresentar-se na dimensão simbólica, envolvendo os sentimentos, as emoções e os hábitos, principalmente quando questionados sobre as preparações preferidas.

Sendo assim, a alimentação escolar, além de se estabelecer como uma estratégia para garantia do DHAA e para o fortalecimento da SAN, também é importante na formação de novos hábitos, bem como no resgate à cultura alimentar regional, visto que, no contexto atual, além do aumento da fome, e da globalização, temos também a redução de investimentos em políticas públicas voltadas à alimentação e nutrição, sobretudo no que se refere ao respeito à cultura alimentar local.

Na escola a importância não é dada apenas ao quanto se come, mas ao que se come, com quem se come e para que se come. Seja para satisfazer a fome física ou a fome socioemocional, a alimentação

escolar desempenha um importante papel na formação dos alunos e no trabalho das merendeiras.

Portanto, partindo da conjectura de que o PNAE é uma das políticas públicas de alimentação mais antigas e resistentes às mudanças de governos, vale ressaltar a importância de diálogos transdisciplinares acerca da alimentação na escola, principalmente entre as ciências sociais e a saúde, pois comer é um ato complexo associado a fatores biológicos, sociais e culturais.

Para tanto, sugere-se que novos estudos envolvendo a antropologia da nutrição sejam realizados no ambiente escolar, visto que neste ambiente estão sendo desenvolvidos hábitos dos sujeitos em formação, o que se torna fundamental para o fortalecimento do próprio PNAE, bem como para o desenvolvimento de novas políticas públicas.

FINANCIAMENTO

Próprio.

CONFLITOS DE INTERESSE

Nada a declarar.

FUNÇÕES DOS AUTORES

Everton Nery Carneiro foi o coordenador da pesquisa e orientador da pesquisadora Franciele Nascimento dos Santos. Este exerceu também a função de revisão do texto e contribuiu com a escrita. Franciele Nascimento dos Santos desenvolveu a pesquisa e elaborou o artigo, sendo, portanto, autora principal.

REFERÊNCIAS

- [1] Lody R. Bahia bem temperada. Cultura gastronômica e receitas tradicionais. 1. ed. São Paulo: Editora SENAC; 2013. 153p.
- [2] Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
- [3] Jacob M. Alimentação e cultura para nutrição [recurso eletrônico]. 1. ed. Recife, PE: Nupeea; 2021.

- [4] Montanari M. Comida como cultura. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008. 207p.
- [5] Freire P. Pedagogia da Autonomia. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- [6] Touraine A. Igualdade e diversidade: o sujeito democrático. Tradução Modesto Florenzano. Bauru: Edusc; 1998.
- [7] Brasil. Resolução nº 06, de 08 de maio de 2020. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.
- [8] Silva FPM. O território do sisal. In: Ortega AC, Pires MJS. As políticas territoriais rurais e a articulação governo federal e estadual um estudo de caso da Bahia. Brasília: Ipea; 2016. 215p.
- [9] Freitas MCS et al. Escola: lugar de estudar e de comer. *Ciência & Saúde Coletiva*; 2013; 18(4):979-985.
- [10] DaMatta R. A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- [11] Lima RS, Neto JAF, Farias RCP. Food and culture: the exercise of commensality. *Demetra*; 2015; 10(3): 507-52
- [12] Santos LAS et al. Formação de coordenadores pedagógicos em alimentação escolar: um relato de experiência. *Ciência & Saúde Coletiva*; 2013; 18(4):993-1000.
- [13] Paiva JB, Freitas MCS, Santos LAS. Significados da alimentação escolar segundo alunos atendidos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar. *Ciência & Saúde Coletiva*; 2016; 21(8):2507-2516.
- [14] Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- [15] Minayo MC, Taquette SR. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro; 2016; 26 [2]: 417-434.
- [16] Demo P. Pesquisa participante. Mito e realidade. Brasília: UnB/INEP; 1982.
- [17] Husserl E. A Idéia da Fenomenologia, Lisboa: Edições 70; 1986.
- [18] Pierce CS. Semiótica. Tradução José Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva; 2005.
- [19] Fiorin JL. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto; 2013.
- [20] Barros DLP. Teoria semiótica do texto. 4. ed. São Paulo: Editora Ática; 2005.
- [21] Brasil. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. SISAAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências.
- [22] Martín-Baró I. Acción y ideología – Psicología Social desde Centroamérica. San Salvador: UCA Editores; 1992.
- [23] Bellomo-Souza AP et al. Percurso gerativo do sentido: uma análise do selo comemorativo do centenário do nascimento de Luiz Gonzaga e da composição Asa Branca (1947). Anais do XI Seminário Leitura de Imagens para a Educação: Múltiplas Mídias. Florianópolis, 7 de novembro de 2018. ISSN: 2175-1358.
- [24] Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Alimentos Regionais Brasileiros. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
- [25] Rede Pensar. 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil: Fome avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas. [Acesso em: 06 de julho de 2022 às 22:15h]. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>
- [26] Fischler C. El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Ed. Anagrama; 1995.